



**“SAIR DE CASA, ANDAR PELA RUA”: HISTÓRIAS E MEMÓRIAS DOS
MORADORES DO BAIRRO DO QUARTEL DO QUARENTA (CAMPINA
GRANDE – PB NAS DÉCADAS DE 1960 E 1970)**

João Bezerra Dantas¹, Prof^a. Dr^a. Regina Coelli Gomes Nascimento²

RESUMO

Este projeto de pesquisa foi arquitetado com o objetivo de investigar a expansão urbana do Bairro do Quartel do Quarenta na cidade de Campina Grande - Paraíba, nas décadas de 1960 e 1970, tendo como preocupação as histórias vividas no bairro e as sociabilidades decorrentes das práticas cotidianas, “aquilo que nos é dado cada dia”. São as histórias que se cruzam entre os acontecimentos que ocorreram no espaço público e privado que nos interessam. Histórias que ora emocionam, ora nos levam ao riso e que trazem à tona momentos importantes nas vidas de pessoas que de forma individual ou coletiva foram importantes para a constituição do bairro enquanto espaço de integração e socialização entre aqueles que o compõe. Ao longo do século XIX e início do século XX, Campina Grande passa por profundas mudanças urbanas e o bairro torna-se uma alternativa habitacional viável para os trabalhadores, que chegavam à Rainha da Borborema sedentos por um lugar para ficar com suas famílias, o que provoca novas vivências e costumes.

Palavras-Chave: Moradores, bairro, costumes.

¹Aluno, História, Departamento de História, da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: joaodantas.historia@gmail.com.

²Doutora, Docente, História, Departamento de História, Universidade Federal de Campina Grande – UFCG. E-mail: reginacgn@gmail.com.

"EXIT FROM HOME, WALK BY THE STREET": STORIES AND MEMORIES OF THE RESIDENTS OF THE NEIGHBORHOOD OF THE QUARTILE QUARTER (CAMPINA GRANDE - PB IN THE 1960 AND 1970 DECADES)

ABSTRACT

This research project was designed with the objective of investigating the urban expansion of the. Neighborhood in the city of Campina Grande - Paraíba, in the 1960s and 1970s, with the concern of the stories lived in the neighborhood and the sociabilities arising from everyday practices, "That which is given to us every day." They are the stories that intersect between the events that occurred in the public and private space that interest us. Stories that sometimes excite us, sometimes lead us to laughter and bring up important moments in the lives of people who individually or collectively were important for the constitution of the neighborhood as a space of integration and socialization among those who compose it. Throughout the nineteenth and early twentieth century, Campina Grande undergoes profound urban changes and the neighborhood becomes a viable alternative housing for workers, who arrived to the Queen of Borborema thirsty for a place to stay with their families, which Provokes new experiences and customs.

keywords: Locals, neighborhood, custom

INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX e início do século XX, Campina Grande passou por profundas transformações urbanas. O Centro³ da cidade possuía um grande afluxo comercial, o que acarretou a formação de novos bairros⁴ ao redor e circunvizinhos, considerados por Villaça (2001) como sendo subcentros⁵. Dentre os bairros que integram a cidade, o bairro do Quartel do Quarenta, localizado na zona oeste da cidade, passa a receber novos moradores que descobrem o bairro transformando-o, assim, num espaço para trabalho e moradia.

Como afirma o geógrafo Milton Santos (2008), é no espaço urbano das cidades que múltiplas formas de viver e conviver se entrelaçam desempenhando funções urbanas surgindo e derivando-se desta constante troca de experiências, com cada ação desenvolvendo-se a seu tempo e que se dão conjuntamente com determinados “objetivos particulares, que são individuais, funcionalmente perceptíveis, fundem-se num objetivo comum, mas dificilmente discernível” (2008, p.159).

Neste período o bairro torna-se uma alternativa habitacional viável para os trabalhadores, que chegavam à Rainha da Borborema sedentos por um lugar para ficar com suas famílias. Esse espaço passa a chamar atenção, por sua localização entre os bairros da Liberdade, Cruzeiro, Moita (hoje Santa Rosa) e Casa de Pedra (hoje Bairro do Centenário). E dos Hospitais: IPASE- Hospital Regional Alcides Carneiro e o Dom. Pedro I. Distante mais ou menos 1,5 quilômetros do Açude Velho e da Estação da Estrada de Ferro Velha, onde nas suas proximidades foram instaladas as indústrias SANBRA, Anderson Clayton e Rique, centro da cidade.

Segundo Cardoso (1963), nos arredores desses estabelecimentos “há um adensamento de operários por tipo de indústrias” (idem, p. 07). E o bairro com

³ Local onde os primeiros habitantes se instalaram.

⁴ Campina possui em média 81 bairros, alguns destes criados a partir de novos loteamentos que vão surgindo ao longo das décadas. A cidade também conta com 5 distritos.

⁵ VILLAÇA define subcentros como sendo “Aglomerações diversificadas e equilibradas de comércio e serviços, que não o Centro principal. (...) O Subcentro consiste, portanto, numa réplica em tamanho menor do centro principal (...)” (VILLAÇA, Flávio. Espaço Intra-Urbano no Brasil – São Paulo: Studio Nobel; FAPESP, Lincoln Stitute, 2001).

suas casas pequenas, a maioria com três cômodos, quarto, sala e cozinha⁶, torna-se acessível para aqueles que chegavam e não tinham condições financeiras de custear despesas de moradia no centro da cidade devido aos altos preços cobrados. Esse processo de ocupação do espaço urbano ocorreu em Campina Grande-PB de forma desordenada.

Assim, mesmo sem infraestrutura urbana o bairro “... um acontecer fundado em práticas concretas que articulam num lugar, parentela, vizinhança, compadrio sob múltiplas formas de solidariedade e, sobretudo de reciprocidade. Define-se como uma unidade em relação à cidade” (SEABRA, 2003, p. 26). Este espaço torna-se um lugar onde os novos moradores encontram condições para construir moradias e novas histórias de trabalho, de sociabilidades e trocas de experiências que marcam suas histórias de vida e a de seus familiares.

Esse movimento de pessoas de outras regiões geográficas, com situações econômicas diversas, vai repercutir nas décadas de 1960 e 1970, provocando mudanças nas práticas cotidianas que passam pelo espaço público e privado. Investigar o processo de ocupação do bairro e suas influências nas experiências cotidianas dos moradores do bairro do Quartel do Quarenta é um de nossos principais desafios.

MATERIAL E MÉTODOS

Baseamos nossas reflexões teórico-metodológicas nas concepções fornecidas pela Nova História Cultural, principalmente a partir de Michel de Certeau (2011), conhecido historiador francês que nos possibilitou dialogar e trabalhar o conceito de cotidiano, atentando para as sutilezas, estratégias, táticas e operações do fazer e do saber. Foram histórias que exemplificaram “o fazer cotidiano” através de determinadas práticas dos entrevistados sobre uma época hoje guardada apenas na lembrança dos envolvidos, mas que nos

⁶ A Lei Nº 457, de 5 de Janeiro de 1955 que estatua o código de obras da cidade de Campina Grande deixa claro para o mínimo de repartimentos que uma habitação deveria ter. O Artigo 48 do referido código diz que:

ART. 48 – Toda habitação deverá dispor, pelo menos, de um dormitório, uma cozinha e um compartimento para chuveiro e latrina.

ajudaram a compreender o bairro em sua quase totalidade através das práticas cotidianas de cada um. O cotidiano para Certeau

“[...] é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente”. [...] “O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior”. [...] “É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada”. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história “irracional”, ou desta ‘não história’, como o diz ainda A. Dupont. “O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível” [...]. (CERTEAU, 1996, p. 31).

A partir desses conceitos abordados por Certeau (1996), é possível percebermos como em Campina Grande os sujeitos burlaram códigos, normas e regras e construíram diferentes formas próprias de usarem e inventarem o cotidiano, seja indo à feira, a bodega⁷, ao centro da cidade fazer compras, participando de festas e eventos, nas brincadeiras de rua, ou mesmo jogando conversa fora nas calçadas até altas horas da noite. Quais dessas práticas permaneceram ou deixaram de existir? Quais foram modificadas ao longo do tempo? Buscaremos respostas para tais questões.

Para atingir nosso objetivo realizamos uma sinuosa pesquisa nos arquivos da cidade onde mapeamos a documentação referente à mesma, buscando teses, artigos, jornais, crônicas, fotografias e revistas, para que estas fontes nos ajudassem a entender o constante desenvolvimento da cidade a partir do século XX, sobretudo após a expansão algodoeira e a chegada dos trilhos do trem⁸ e principalmente as mudanças e permanências que ocorreram no bairro do Quartel do Quarenta após este momento de “progresso”.

Evidente que as mudanças que ocorreram em Campina não foram só observadas, mas também sentidas. Neste íterim, o historiador Severino Cabral Filho nos aponta para as

“modificações fisionômicas que Campina Grande ia experimentando, mas também pela presença de outros símbolos

⁷ A bodega, comércio típico da região Nordeste, constitui um pequeno comércio muito antigo na história de várias cidades, surgindo e se formando ao longo de extensas estradas abertas no vasto interior conquistado pelo homem (Diniz, 2004, p.11).

⁸ Segundo o Perfil Oficial do Município elaborado pela Coordenadoria de Planejamento de Campina Grande em 1984, o Sistema ferroviário de Campina foi realizado pela RFN – Rede Ferroviária do Nordeste ligando as cidades de João Pessoa, Recife e Fortaleza, facilitando a comunicação com o Sertão paraibano, desde Itabaiana até Sousa. Ao atingir Sousa, a RFN faz conexão com a Rede Viação Cearense (p.20).

deste processo, no qual, por exemplo, caminhões e automóveis passam a disputar o espaço das ruas da cidade com animais de carga e com pedestres” (CABRAL FILHO, 2009, p.45).

Por isso faz-se necessário à utilização da fotografia como documento histórico e, acima de tudo, como o elemento disparador de gatilho da memória dos nossos entrevistados. Numa de nossas entrevistas a senhora A. F e sua amiga M. V, residentes no bairro do Quartel do Quarenta, conversam sobre o marido da primeira ao verem uma fotografia, em que ele ostentava uma vasta cabeleira. Ao mesmo tempo em que se percebe que isto era uma prática comum (a de os homens deixarem o cabelo crescer para imitar cantores da época que se apresentavam de tal forma), nos deparamos com as afirmações de que aquilo não era tão bem visto pela sociedade que exigia que os homens tivessem cabelo curto, no “melhor” estilo militar.

Através das fotografias de época buscamos as lembranças do passado, de modo que elas viessem à tona fazendo os entrevistados “voltarem no tempo” ao reviverem roupas e modas, situações, eventos, fatos marcantes para as pessoas do bairro, festas e momentos que não voltam jamais. Com isso buscamos disparidades, dicotomias e opiniões diversificadas sobre momentos de outrora.

Faz-se necessário, portanto, entender a consolidação da fotografia enquanto importante acervo da pesquisa historiográfica, sobretudo, logo após a *Escola dos Annales*⁹, visto que através desse movimento houve um alargamento das fontes utilizadas pelo pesquisador. A fotografia então

revelaria indícios que permitiriam ao observador chegar a outros níveis de realidade, como: sentimentos, padrões de comportamento e normas sociais. [...] não se procura na fotografia apenas o que comprove as análises históricas verbalizadas, mas sim informações, dimensões e relações que as verbalizações não têm condições de proporcionar. (SÔNEGO, 2010, p. 117).

A “fotografia foi absorvida por sociedades tradicionais, que a transformaram em instrumento de atualização ‘moderna’ de antigos valores, normas e costumes” (LIMA e CARVALHO, 2009, p.31). Ou seja, a fotografia nos

⁹ Foi um importante movimento historiográfico, surgido na França durante a primeira metade do século XX. Fundada pelos franceses Lucien Febvre e March Bloch, surgiu em 1929 e propunha ir além da visão positivista da historiografia tradicional incorporando novos métodos e produzindo uma visão mais ampla da História.

ajuda a entender como se deu determinados momentos e reinterpreta fatos registrados pelas lentes dos fotógrafos. Buscamos assim, problematizar vivências e memórias dos moradores do Bairro do Quartel do Quarenta, através de seus estilos de vida, bem como das de seus familiares.

Neste sentido frisamos a importância da memória como fonte. O próprio Certeau mostra que “o memorável é aquilo que se pode sonhar a respeito de um lugar” (p.190). Neste espaço (o bairro) se distribuem relações de coexistências, ocorrendo uma demarcação de lugar onde se desenvolverá múltiplas formas de cotidiano.

A memória é apreciada nos discursos e testemunhos que compõem o que vem a ser história oral e que poderá configurar a identidade de um povo, em determinado local. Também sendo capaz de “atualizar” as vivências daqueles indivíduos da comunidade em suas mais variadas sociabilidades e capaz de fazê-los produtores de uma “nova” história, conforme nos aponta Thompson (1992):

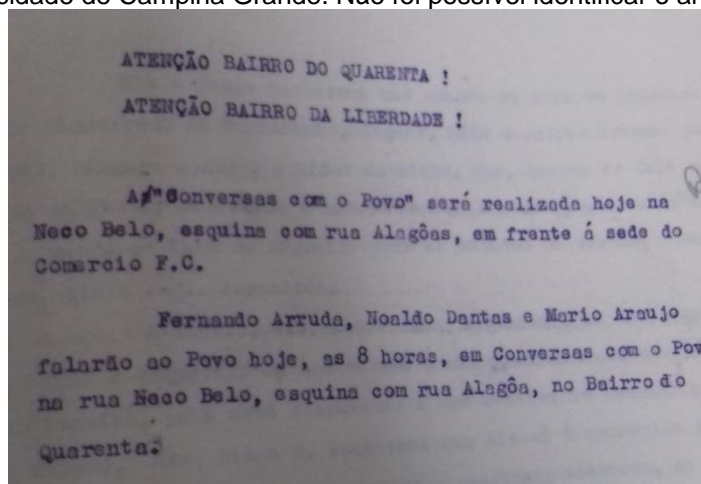
A história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto conteúdo, como finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação; [...] pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental, mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992, p. 25).

A testemunha apresenta a sua versão dos fatos, numa perspectiva inovadora, frente a frente com o entrevistador que mais do que estar com um gravador, estará disposto a ser um expectador “sou todo ouvidos” dos silenciados da história. São pessoas dispostas a falar de suas vidas, dando sua contribuição para a História. A memória dos moradores do Bairro do Quartel do Quarenta pôde ser analisada de diferentes maneiras: nas entrevistas, nas fotografias, nas manchetes de jornais e, sobretudo através do rádio, visto que este foi considerado o meio que permitiu a “popularização da informação” e, por conseguinte, da divulgação dos acontecimentos que influenciaram os seus ouvintes.

O rádio foi usado como meio propagandístico dos principais políticos da época na divulgação de ações, criação de ruas, instalação de postes de iluminação pública, dentre outras. Destacamos o aviso abaixo, que foi lido em

um programa de rádio (provavelmente na Rádio Caturité) por um dos apresentadores, uma prática recorrente em tais programas radiofônicos. Nele políticos da época chamam a população do Bairro do Quarenta para uma conversa a ser realizada no bairro supracitado. Este aviso foi encontrado em nossa pesquisa no SEDHIR¹⁰ da Universidade Federal de Campina Grande.

Figura 1 - Aviso a ser lido em um programa de rádio (provavelmente na Rádio Caturité) na cidade de Campina Grande. Não foi possível identificar o ano



SEDHIR - UFCG

O rádio foi o espaço do sonho e da fantasia da população que acompanhava sua programação. Era motivo de conversas entre vizinhos que comentavam radionovelas, os programas de auditório, as resenhas esportivas e as notícias do dia a dia da cidade e dos municípios circunvizinhos. Segundo Souza (2006): “Praticamente tudo que aconteceu de relevante na cidade, após 1949, contou com a presença de um repórter das rádios Cariri, Borborema e Caturité; desde o réveillon de um ano até as festividades natalinas do ano seguinte” (SOUZA, 2006, p.19). Uma febre na época foi o famoso *Clube do Papai Noel*¹¹ apresentado em Campina Grande pela Rádio Borborema¹². Apresentamos um pequeno trecho de uma de nossas entrevistas, em que M. A

¹⁰ Setor de Documentação em História Regional da UFCG – Campus I.

¹¹ O clube do Papai Noel foi um programa de rádio cujo formato estendeu-se por várias rádios brasileiras tornando-se famoso por descobrir novos talentos e dar prêmios para crianças que se apresentavam no programa.

¹² A rádio Borborema entrou no ar em 8 dezembro de 1949, sendo a segunda rádio mais antiga da cidade. A Borborema pertencia aos ‘Diário Associados’, de propriedade de Assis Chateaubriand. A partir de 2 de agosto de 2008 mudou para rádio Clube AM Campina Grande.

fala sobre a filha (hoje cantora) em sua participação no referido programa, sucesso de popularidade:

Eu que botei a I. no rádio, mas cantar mesmo era dela, a intuição era dela. Na época, ela cantando no rádio e ganhava os concursos todos, todos os concursos ela ganhava. (...) Tinha meninas que não queria ir, porque dizia eu não vou não, porque I é quem ganha. (...) O primeiro programa dela foi na Borborema. No Clube do Papai Noel. Era rádio. Não existia televisão nessa época, lá na Borborema. Veio existir depois. E ela também ingressou na televisão pequena cantando também na TV Borborema. (M. A).

Com o tempo, a televisão vai se tornando parte integrante do cotidiano das pessoas tomando assim a audiência do rádio. As radionovelas perdem espaço para as telenovelas, afinal se antes se ouvia apenas o tilintar dos tapas e o ruído do roçar de beijos, agora o público acompanhava as emoções em capítulos diários com imagem e som. A maioria dos entrevistados declara que a chegada da TV foi um momento muito marcante para os moradores do bairro. Quem não tinha condições de adquirir uma TV se contentava em assistir determinado programa ou novela através da janela mais próxima como nos mostra M. L. S. S, também moradora do bairro, em depoimento a seguir:

Comecei assim (*na casa do vizinho*), aí depois.... Ah, era aquela festa, a hora da novela das sete né? Todo mundo queria assistir. Aí quem tinha, quem não tinha em casa corria pra casa do vizinho que tinha. Era menino sentado pelo chão, era gente em pé, era na janela, botava até 'tamboretinho', banco, cadeira pra subir, pra assistir através da janela é, mas acompanhava a programação. Aí lá em casa mesmo de papai eu lembro que a primeira televisão que entrou oh meu Deus, uma TV velha tão antiga (M. L. S. S – 16 – 05 – 2017).

O bairro é um espaço moderno, complexo e globalizado, com componentes de diferentes origens, trajetórias sociais, crenças, gostos, credos, valores e anseios. Nas palavras do autor, estes bairros são verdadeiros “mundos sociais” com

“[...] particularidades, densidade própria e fronteiras. Eles são dinâmicos, estando em permanente processo de mudança e interagindo uns com os outros. Indivíduos concretos participam desses mundos, com maior ou menos grau de adesão, desempenhando papéis e vivendo situações sócias específicas. No decorrer de suas vidas, passam por transformações não só ao

longo de suas trajetórias, mas em função de sua participação diferenciada em planos e dimensões contemporâneos, gerando o fenômeno da metamorfose social...” (VELHO, 1999, p.22).

A Rede Ferroviária do Nordeste reunia os estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas. Segundo Cavalcanti (1954), “esta rede resumia-se em três linhas principais (interligadas) e uma estrada isolada”. A rede cobria as regiões dos quatro estados. Em Campina Grande, o destaque vai para o Expresso “Asa Branca”, que segundo relatos encontrados no blog “Retalhos históricos de Campina Grande”¹³, fazia um percurso bem reduzido chegando a fazer a linha Campina – Recife em apenas 5 horas. Abaixo enfatizamos a lembrança de um dos nossos entrevistados sobre o trem, um espaço onde mais do que o lugar de viajar, se desenvolvia várias outras atividades:

O Asa Branca vem aí! Era festa.
Como deixaram esse transporte acabar? Ia de norte a sul... (M.B. S).

RESULTADOS

Em nossa pesquisa estivemos atentos aos jornais que circulavam no período, entretanto, jornais como o “**Diário da Borborema**¹⁴” e “**Jornal da Paraíba**¹⁵” estiveram mais preocupados em relatar fatos relacionados á coluna policial do que propriamente questões sobre o cotidiano. Nos jornais o que ganhou mais destaque foram eventos promovidos pela SANBRA, palestras e eventos promovidos pela SAB do bairro e acontecimentos ligados diretamente a Estação Ferroviária, como a inauguração de novos trechos, propagandas, horário dos trens, movimentos das pessoas presentes no periódico *A Gazeta*

¹³ Há comentários no mesmo blog que exemplificam todo o glamour que apetecia o trem, sendo mais confortável que outros e tendo até anúncio na TV com jingles bem populares para a época, bem como uma grande afluência de pessoas, como vistas nas fotos da pesquisa. O ramal de Campina acabou sendo desativado, por conseguinte, na década de 1980.

¹⁴ Fundado em 2 de outubro de 1957 fazia parte dos Diários Associados (empresa de comunicação de Assis Chateaubriand). Foi um dos jornais mais antigos da Paraíba. Encerrou suas atividades em 1º de fevereiro de 2012.

¹⁵ O *Jornal da Paraíba* foi fundado em 5 de setembro de 1971, fazendo parte do sistema Paraíba de Comunicação, também responsável pelas TVs Paraíba e Cabo Branco, afiliadas da Rede Globo, aqui na Paraíba. A última edição impressa foi publicada em 10 de abril de 2016, mudando-se definitivamente para a versão online.

Campinense (1960), bem como outras edições avulsas de outros jornais que identificaremos em quadro a seguir.

Figura 1 - Anúncio com o horário de funcionamento dos trens que compunham a linha Campina Grande – Recife e Campina – Souza. O anúncio apareceu entre as páginas do jornal “Gazeta Campinense” em 20 de Novembro de 1960

Horário de Trens	
CAMPINA GRANDE—RECIFE	Diretamente: 3as., 5as. e Sábados 12,50.
CAMPINA GRANDE—RECIFE	Com baldeação: 2as., 4as. e 6as. 4,10.
RECIFE—CAMPINA GRANDE	Diretamente: 2as., 4as. e 6as. às 5 horas.
RECIFE—CAMPINA GRANDE	3as. e Sábados, às 5 horas.
CAMPINA GRANDE—SOUZA	2as., 4as. e 6as. às 12,20.
SOUZA—CAMPINA GRANDE	3as., 5as. e Sábados, às 4 horas.

Arquivo Municipal de Campina Grande

É de nosso interesse problematizar as memórias dos entrevistados sobre as histórias vividas no bairro e a importância que a Estação Ferroviária desempenhou ali graças à extensiva variedade de atividades que se desenvolveram ao mesmo tempo naquele espaço. A Estação servia de lugar de encontros e despedidas, riso e lágrima, comércio e diversão. Sobre o ontem e hoje nos inquieta a fala de Dona M. L acerca do descaso das autoridades locais para com a estação, com um misto de revolta e tristeza que nos toca profundamente:

(...) hoje a gente olha aquilo ali eu não vejo mais a vila ali (...). Acabou e depois que venderam aquele terreno, aí construíram ruas assim, acabou tirou. A estação dá pena a gente vê hoje aquilo ali tão abandonado né, tão maltratado que eu digo: pensar como foi aquilo ali... (M. L. S. S)

Imaginemos o quão difícil é para aqueles que tiveram a estação como uma parte integrante e fundamental em suas vidas e hoje vê-la totalmente abandonada e descaracterizando, sendo constantemente danificada e estando à mercê das drogas e da violência constante, já que o referido espaço acabou virando um point para a transgressão.

Antigamente na estação se fomentava uma extensiva troca de “favores”, entres os trabalhadores e os moradores do bairro, pois o que era transportado nos vagões dos trens (milho, trigo, açúcar, caroços de algodão, farinha e outros mantimentos) podia ser entregue aos moradores quando algumas destas sacas, que eram levadas de uma cidade à outra, por exemplo, se estourassem ou se espatifassem no meio do caminho. Em troca alguns filhos de moradores eram imbuídos a irem comprar lanches, levarem água e café para os trabalhadores da linha e assim, atenuar as longas horas de trabalho daquele pessoal.

Além do futebol, registramos também outros brinquedos e brincadeiras comuns na época, como soltar pipa no meio da rua e a baleada, um jogo também bastante apreciado pelas crianças, apesar de que os pais não gostavam muito, talvez pelo fato de lançar a bola com força em direção às outras que também podia atingir algum objeto de alguma casa no lançamento, o que provocava alguns conflitos. Brincava-se também de academia, amarelinha, barra bandeira, esconde-esconde e cantigas de roda. Esta última é relembrada com muito carinho por S.N como um momento em que todas as crianças da rua deram-se as mãos numa grande rola que cobriu a rua toda. As músicas mais comuns deste tipo de brincadeira eram “atirei o pau no gato”, “ciranda cirandinha”.

Me lembro muito forte de uma brincadeira de roda que eu acho que eu era pequenininha, eu tava crescendo, aí as amigas, de, as tuas amigas, as amigas da minha irmã mais velha pegou e fizeram uma brincadeira de roda e elas fizeram uma roda na rua toda. Era uma roda de muitos amigos, muitos, muito mesmo e eu participei.
(S.N)

As crianças viviam livres, soltas, correndo para cima e pra baixo. Não havia tanta preocupação com a violência, até mesmo porque ficava-se até altas horas no meio da rua e conversando nas calçadas. Entretanto, notamos que era um tempo de provações para alguns. Tinha-se dificuldade para comprar brinquedos e até mesmo objetos e eletrodomésticos para a casa. Uma das opções era construir o próprio brinquedo utilizando restos de madeira e ferros velhos de oficinas que viravam balanços e gangorras. As crianças também brincavam nos trilhos de trem, uma prática bastante perigosa.

Sobre os presentes que as crianças recebiam, percebemos que a maioria só tinha o gosto de tê-los em datas específicas, como o Natal e o Ano Novo.

Estes presentes (bem como outros objetos) eram comprados em lojinhas no próprio bairro ou mesmo no centro da cidade. Esta atividade (de sair de casa para comprar) acabava se tornando um divertido passeio com os filhos. As roupas novas e os calçados comprados perto da Rodoviária eram geralmente dadas no fim do ano. Chama a atenção a prática dos prestanistas¹⁶ de porta que passavam de porta em porta vendendo toda sorte de mercadorias, uma prática que caiu um pouco em desuso, mas que ainda permanece (bem menos é verdade).

A boa convivência dava o tom para as relações. Neste sentido tratemos do trecho a seguir em que as vizinhas se ajudavam no dia a dia. É importante frisar a união dos vizinhos, que compartilhavam o que tinha com os menos favorecidos, como a mãe de A. F que recebia ajuda da vizinha do lado que lhe dava a 'mistura'¹⁷ e outros mantimentos para complementar as refeições devido às dificuldades financeiras que passava que recebia “pequenos” empréstimos de mantimentos, como conhecemos a partir da frase: “Você pode me emprestar uma xícara de açúcar”? No bairro, como todos se conheciam isto era algo bastante comum.

A- Ave Maria, quando sua mãe comprava uma comida diferente era uma festa, tá por fora, era uma festa.

M- Comprava salame (...).

A - Eu me lembro demais que a mãe dela ajudou demais nessa com comida. Aí depois foi melhorando.

Importante lembrar que nem todos o consumiam, pois muitas vezes nem dinheiro para o pão alguns tinham. A. F, era uma destas pessoas que o substituíam pelo cuscuz. Tanto o cuscuz, quanto o feijão, o arroz, o café e açúcar (o que era chamado de grosseiro da feira), além de carnes, frutas e verduras eram comprados na Feira Central. E quando faltava alguma coisa na semana? Os moradores saíam para comprar nos mercadinhos da Liberdade. Estas compras eram levadas para casa em sacolas e cestas de vime, já que não época não

¹⁶ Prática muito usada no Nordeste, onde vendedores comercializam diversos produtos de porta em porta, dividindo as parcelas em várias prestações. O pagador paga mensalmente um valor X, que é descontado num cartão ou caderneta.

¹⁷ Na expressão popular “mistura” quer dizer o acompanhamento da comida do básico feijão com arroz. Qualquer outro ingrediente que o acompanhe como carnes, ovos, salame, mortadela, peixes pode ser caracterizado como a “mistura” ao prato principal.

existia os tipos de sacola (como as de plástico) que utilizamos hoje em dia. S. N apresenta como esses produtos eram ensacados, além de nos dar outros detalhes sobre o cotidiano na feira.

Era num saco¹⁸ grande, que eles diziam, vendia num saco bem grande que tinha na feira, que tava na feira, que até hoje ainda tem. Aquele saco de não sei quantos litros, quantos quilos tem aquele saco, um saco grande, onde eles deixavam. A gente comprava a granel. Meio quilo, um quilo, quantos você quisesse: de farinha, de sal, de feijão, de arroz.

Também se compravam em pequenas bodegas e mercearias que vão surgindo no bairro com o passar do tempo. Nestes espaços era comprado aquilo que faltava durante a semana. S. N aponta para a curiosa venda de óleo em copos, não sabendo ao certo se foi sua mãe ou a mãe de algum amigo que fazia tal coisa, mas que era algo recorrente na maioria destes estabelecimentos.

(...) eu não me lembro se mainha comprava óleo nos copos. Eu acho que teve alguma história de copo, de botar no copo, de comprar um copo de óleo. Eu acho que já vi, só não sei se foi na minha casa ou se foi na casa dos meus amigos. (S. N)

O Carnaval de rua foi bastante citado. Nesta festividade, crianças e jovens saíam atirando pó, água, tinta e farinha nos demais, provocando um verdadeiro “mela-mela”, cantando marchinhas e divertindo-se sem hora para acabar. Também merece atenção os “assustados”, festa que ocorria na casa de alguma pessoa e onde cada convidado levava um tipo de comida, um disco e bebidas (cachaça, caipirinha, batida, cerveja e a curiosa calcinha de náilon¹⁹) para “fazer” a festa. Todos chegavam e invadiam a área levando coisas para comer e beber e mostrando muita intimidade, daí o nome da festa, muito provavelmente porque os donos da casa se assustavam quando aquelas pessoas chegavam. Aos sábados e domingos se programava-se para ir na casa de alguém, antes mesmo dos assustados. As festas religiosas também tinham espaço na comunidade, onde as conhecidas novenas²⁰ eram realizadas em todas as residências, além

¹⁸ Um saco grande e branco de pano, estopa ou de até mesmo náilon.

¹⁹ Tipo de bebida. Não foi possível identificar o porquê desse nome.

²⁰ Tradição Católica em que um grupo de pessoas se reúne para fazer orações por um período de nove dias. É bastante comum entre os católicos realizar tal prática.

das celebrações do mês de maio. Neste mês também era preparado um altar para Nossa Senhora²¹. As crianças eram bem pacientes em acompanhar estas realizações. Era como se as pessoas fossem mais religiosas.

Uma questão bastante citada (como principal problema) pela maioria dos entrevistados foi a questão da bebida, já que o alcoolismo era uma constante entre os ferroviários. Era quase uma sina²² de que todo ferroviário bebesse. Não se sabe ao certo o porquê, mas ao encherem a cara, provocavam brigas, discussões e verdadeiros escândalos comentados por dias a fio entre os vizinhos. Muitas vezes as próprias esposas e seus filhos iam em busca destes em bares e os encontravam jogados “na sarjeta”, o que aumentava o falatório. A bebida acabava deixando estes homens “zangados” e constantemente ocorriam agressões e violência doméstica. Quando não era o pai de um, era o pai de outro que fazia isto. Interessante que a partir do momento que um deixou de beber, os outros seguiram o mesmo caminho. O homem que não participasse da farra era visto como um estranho, “nem homem era”, já que o sinônimo de ferroviário era o mesmo que beber, além de farra e mulheres.

Percebemos que a Vila Ferroviária funcionava como uma comunidade, onde todos se conheciam, como uma grande família. As brincadeiras eram juntas, as festas eram juntas. Ficar até altas horas jogando conversa fora, sem se preocupar, roubar a goiaba do vizinho sem se preocupar, segurar vela da irmã sem se preocupar. Se hoje aluga-se um espaço para casar, no bairro o “festão” se realizava na casa de parentes com muita fartura. Não importava se estavam espremidos. Estar junto era o mais importante. Estar junto para sair, rir, chorar, brincar, amar... esperar o trem passar. Ser ferroviário é ser pertencente a uma classe muito unida, como foi dito e redito tantas vezes até mesmo hoje quando alguém fica doente, que um fica sabendo sai avisando, ligando, visitando²³.

E como nas fotos que apresentamos a seguir, o trem com todo seu esplendor mais do que mudança, trazia a permanência em saber que o pai, o tio, o irmão estava de volta ao seio da família. Com ele, um alimento para saciar a fome e um sentimento de pertencimento a um lar, acalantar, amar. Sentimentos

²¹ O Catolicismo era a religião mais praticada na Comunidade. Entretanto, temos a presença de protestantes, espíritas e praticantes do Candomblé.

²² Em alguns relatos isto é afirmado claramente: sina, como uma maldição.

²³ Na própria semana da entrevista, a entrevistada relata a morte de um vizinho e da preocupação dos demais para com o fato, em querer saber sobre o ocorrido, participar do velório, etc.

que chegavam e partiam, no até logo de gentes, no vai e vem de pessoas, no apito que acordava para mais um dia. Nas linhas partidas (e de partidas), a Rede Ferroviária com todo seu emaranhado de ferros, envolvia, unia, surgia, urgia, mas também sentia, feria, entristecia. No acontecer fundado e fundido por Certeau, as práticas chegavam e partiam como na canção de Maria Rita. O trem não mais veio. E assim, a vida seguia. E o trem que antes trazia não mais chegou. Antes era verdade, hoje só saudade.

Figura 1- Filhos de ferroviários . S/D



Fotografia gentilmente cedida por Marinalva Vilar

Figura 2 - Foto do expresso Asa Branca. Registro de 1977.



Acervo do senhor Antônio Everson Pombo de Farias. Blog Retalhos Históricos de Campina Grande. Disponível em <http://cgretalhos.blogspot.com.br/> Acesso em 08/02/2017

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber a importância da Estação Ferroviária no cotidiano dos moradores do bairro do Quartel do Quarenta. Assim, utilizamos este mote como elemento norteador para definir nossas entrevistas, ao mesmo tempo em que atentávamos para questões do cotidiano, marcado pelo relógio da estação que tocava a cada hora do dia e, especialmente, nas horas de chegada e partida dos trens. As vidas dos indivíduos foram entrelaçadas pelos trilhos da ferrovia que no bairro criaram laços afetivos durante os anos de trabalho e convivência. Isto quer dizer que quando morre alguém ou mesmo quando adoece eles ficam lembrando, rememorando o que acontecera com tais indivíduos que compunham um laço afetivo muito legal, íntimo e forte de amizade com os indivíduos que faziam parte do bairro. É interessantíssimo essa convivência entre os moradores. É mais do que conviver, é compartilhar momentos bons e ruins, sempre uma preocupação em saber como o outro está mesmo morando distante. Se antes a chegada do trem provocava alvoroço e muito burburinho, sobretudo perante as crianças, hoje constatamos o abandono do espaço onde se multiplica assaltos, consumo de drogas e prostituição. Se na “época” de ouro do trem o vai e vem de transeuntes era constante, hoje é impossível que se ande tranquilamente por ali em determinadas horas do dia. Antigamente, vale salientar também existia um ponto para as chamadas “mulheres de vida fácil”, geralmente na parte baixa da estação. Infelizmente hoje é muito distante pensar numa reativação do trem que tanto trouxe. Muito embora, falou-se que o trem do forró estaria para voltar.

Ao visitarmos o espaço notamos que a linha está intimamente ligada com o bairro, é e foi uma presença constante que se deteriora dia após dia. Vimos mundos que se tocam, se fundem, se cruzam e desempenham papéis sociais e distintos no bairro e nos seus entornos. Também constatamos que a desativação da linha foi há pouco tempo (a malha foi privatizada em 1998). O descaso dos governos aflige os trabalhadores que tanta falta sentem da ferrovia e mesmo com a formação dos sindicatos dos ferroviários, este não foi suficiente para sanar alguns problemas, como o baixo salário dos “peões”, nem para buscar uma preservação efetiva do espaço.

O trem funcionava a todo vapor e existia uma preocupação com o outro, com o que era do outro. Esta preocupação foi importante para entendermos a constituição do fazer-viver nos bairros (em especial do Bairro do Quartel do

Quarenta) e principalmente no fazer humano através das relações que se deram entre moradores do bairro e os trabalhadores, que tinha tanta intimidade que se tratavam como amigos de infância. Até mesmo os nomes das ruas, eram “tratadas” desta forma. Não se chamava pelos nomes que estas tinham, de fato, mas por segunda rua, a terceira rua, a quarta rua. Ali principalmente com o pessoal da manutenção se compartilhava tudo, principalmente a alimentação. A comida era dividida para todos. Os moradores mais do que amigos se relacionavam amorosamente, já que era bastante comum os namoros entre os vizinhos. Com isso, muitos casamentos surgiram e alguns ainda permanecem morando no bairro, relembrando com saudade a infância, as brincadeiras nas ruas, os carnavais antigos, as festas Juninas e de final de ano, a espera do trem Asa Branca, o embarque e desembarque dos viajantes. Outras sociabilidades estão sendo construídas no presente, porém ainda se guardam na memória aquelas velhas lembranças de outrora, do bairro, do trem, dos moradores.

AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a UFCG, ao CNPq, à professora Regina Coelli Gomes, aos entrevistados e demais colaboradores que ajudaram o desenvolvimento dessa pesquisa. “O presente trabalho foi realizado com apoio do CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil”. O PIBIC me foi extremamente gratificante e importante para a minha condição de historiador e enquanto pessoa por me fazer conhecedor de múltiplas vivências, saberes e intentos;

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **História Oral: experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro, FGV/CPDOC, 1990.

_____, **Manual de História Oral**. 2ª Ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes, coord. **Usos e abusos da História Oral**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Borges, Maria Elisa Linhares. **Historia & fotografia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CABRAL FILHO, Severino. As cidades na fotografia: uma experiência modernizante em Campina Grande – PB (1940-1944). In. **ARIUS Revista de Ciências Humanas e Artes**. v. 13, n. 2, jul./dez., 2007. Disponível em <http://www.ch.ufcg.edu.br/arius/01_revistas/v13n2/12_arius_13_2_as_cidades_na_fotografia.pdf> Acesso em 15/05/2016.

CARDOSO, Maria Francisca Thereza C. Campina Grande e sua função como capital Regional. In. **Revista Brasileira de Geografia**. Ano XXV. Out-dez. 1963. Nº 04.

CAVALCANTI, Flavio R. **I Centenário das ferrovias brasileiras**. IBGE / CNG, Rio de Janeiro, 1954.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer**. Tradução de Ephraim F. Alves. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____. **A invenção do cotidiano: 2 morar, cozinhar**. Tradução de Ephraim F. Alves e Lucia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1996.

GURJÃO, Eliete de Queiroz (Org.). **IMAGENS Multifacetadas da História de Campina Grande**. João Pessoa: A União Editora, Prefeitura Municipal de Campina Grande / Secretaria da Educação, 2000.

HARTOG, François. A testemunha e historiador. In: **Evidência em História: o que os historiadores vêem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.

LIMA, Solange Ferraz de. CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. (orgs). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, PP. 29-60 2009.

MELLO, José Octávio de Arruda. Cultura e alimentação na Paraíba – um exercício de nova história. In. **Revista Ciência & Trópico**. Vol. 30, Num 01, Jan/jun. 2002.

Disponível em <<http://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/issue/view/69/showToc>> Acesso em 10/04/2016.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NASCIMENTO, Regina Coelli Gomes. **Disciplina e espaços: construindo a modernidade em Campina Grande no início do século XX**. Recife, 1997. Dissertação de Mestrado em História apresentada ao PPGH da UFPE.

OLIVEIRA, Júlio César Melo de. **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. João Pessoa - PB. UFPB, 2007. Monografia (Graduação em Geografia) Centro de Ciências Exatas e da Natureza. Departamento de Geociências. Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa – Campus I.

POLLAK, Michel. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, 1992.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. **Urbanização e fragmentação: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do Bairro do Limão**. 2003. 397 f. Tese (Livre Docência) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (org.) **Identidade e diferença**– A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: vozes: 2000.

SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica**. *Historiae*, Rio Grande, v.1, n.2, p. 113-120, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2366/1248>> Acesso em: 25/02/2017.

SOUZA, Antonio Clarindo Barbosa de. OLIVEIRA, Flavianny Guimarães de. FREITAS, Goretti Maria Sampaio de. **História da mídia regional: O rádio em Campina Grande**. Campina Grande: EDUFPG/EDUEPB, 2006.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

VELHO, Gilberto (org). **Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 1999.

XAVIER, Antônio Roberto. **A importância da História Oral como fonte identitária de um povo**. 2009. Disponível em: <<http://www.historiaoral.com.br/noticias/A%20import%20ncia%20da%20Hist%20ria%20Oral%20como%20fonte%20identit%20ria%20de%20um%20povo.pdf>> Acesso em 25/02/2017.